BOM DIA FURG 02.12.1992

Bom dia, Rio Grande 2 de dezembro de 1992, os destaques de hoje no Bom Dia FURG. Uma entrevista com os professores Arthur Oliveira e Eliane Baqueri Duarte, do Departamento de Física da FURG, sobre lixo seletivo e saneamento básico. E doutora em educação vem a Rio Grande coordenar seminário sobre gestão escolar.

Estamos iniciando a edição 431 do Bom Dia FURG. A Universidade do Rio Grande vai receber no dia 8 de dezembro a professora Cosette Ramos, doutora em educação pela Universidade da Flórida, Estados Unidos, e atual coordenadora do projeto Qualidade, da Secretaria Nacional de Educação Tecnológica do MEC e docente da Universidade de Brasília. Ela vem a Rio Grande coordenar o seminário Gestão da Qualidade Total na Escola, evento que vai iniciar às nove horas no Auditório do Campo Cidade.

O seminário é dirigido a professores, dirigentes de instituições de ensino e estudantes com entrada livre. A Universidade espera o comparecimento dos atuais prefeitos da Zona Sul do Estado e seus secretariados, bem como dos prefeitos eleitos também em seus secretariados, pois considera o assunto a ser tratado de extrema importância a quem comanda de forma direta ou indireta instituições educacionais. Mas nós temos como convidados do estúdio do Bom Dia FURG de hoje os professores do Departamento de Física da Universidade, Arthur Oliveira e Eliane Baqueri Duarte.

Ambos são coordenadores do projeto Adeus aos Lixões e tudo que vem adivindo já desse projeto que há algum tempo está sendo desenvolvido na comunidade Rio Grandina. Bom dia, professor Arthur. Bom dia, Rosane.

Bom dia, professor Eliane. Bom dia. Como é que está o andamento do projeto Adeus aos Lixões hoje, depois de tudo, professora, que foi realizado, depois de vários bairros da cidade já terem conhecimento do projeto, inclusive o centro da cidade, e já ter sido divulgado em nível nacional? Bom, o projeto, ele encontra-se numa fase de que a gente já tem bairro atendido por coleta seletiva, a coleta seletiva nas terças-feiras, a coleta seletiva na quarta-feira e a coleta seletiva na quinta-feira.

Terça-feira no Larga Uxo e bairros adjacentes, quarta-feira no centro e quinta-feira nas escolas que estiverem participando do projeto e que não façam parte dessas outras duas zonas. A nossa expectativa é de que a gente possa ocupar todos os dias da semana com coleta seletiva e, para isso, nós continuamos indo em escolas para preparar novas zonas para a coleta seletiva. Nós temos ido em escolas, inclusive nós fomos no Polivalente, no Adelaide Alvim, há pouco tempo e ontem mesmo eu recebi uma notícia, um comentário de uma pessoa que mora lá na zona, perto do Adelaide Alvim, que estão juntando nas casas ali perto, estão separando o lixo limpo e levando para o Adelaide Alvim.

Quer dizer, a proposta inicial continua dando certo. Quando a gente vai nas escolas, essas crianças motivam a zona adjacente à escola. Então, o projeto está nesse ponto, a gente tem um núcleo de reciclagem, a gente tem coleta atendendo bairro, a gente tem coleta atendendo escola.

A gente precisa avançar isso aí, a gente precisa ter uma equipe especial para a coleta seletiva, para a coleta em todas as zonas que nos interessarem e a gente precisa ter um caminhão para isso e no ano que vem, a gente tendo esse caminhão especial para a coleta seletiva, a gente pode estabelecer um cronograma e atingir novas zonas da cidade com essa coleta. Em que veículo hoje é feito o recolhimento do lixo separado? Os veículos usados são caminhões caçambas, que são lavados e usados para isso aí. Acho que os três caminhões que estão sendo usados são caçambas e o caminhão das quintas-feiras, é um caminhão comum, não é caçamba.

São caminhões que são, no outro dia da semana, eles fazem outro serviço. Então, se a gente tiver outras zonas para recolher, o que acontece? No outro dia da semana, a gente não tem a disponibilidade daquele caminhão. Professor Arthur, esse mesmo projeto, depois da sua proposta, já foi utilizado em outras cidades, em outros municípios, até em capitais e parece que está andando bem mais rápido do que o nosso.

Por que isso? Inclusive com mais sucesso, ou pelo menos já pegou a maior parte da população. Eu gosto de dizer que, por ter começado aqui em Rio Grande, talvez por não ter havido um exemplo em outro local, custaram os administradores a entender a proposta. Isso é uma coisa nova.

Mas depois, os outros tendo de onde se basear, como a nossa cultura justificaria, é mais fácil copiar do que criar. Mas hoje, nós estamos bastante satisfeitos, e poderia parecer alguma coisa agravante para nós, é uma satisfação saber que os outros estão fazendo com sucesso. Porque eu fui sabendo, o prefeito eleito de Rio Grande, ele deve ter participado de um seminário em Curitiba há pouco tempo, e talvez ele tenha tido a oportunidade de ver como é que se faz em Curitiba.

Aliás, algum tempo atrás, quando houve a primeira confusão em Rio Grande, nós chegamos a escrever, foi divulgado o jornal Agora, e quem sabe mais tarde não vão ver como fazem em Curitiba ou em Porto Alegre, que até já aconteceu. Mas é bom isso. É bom que os outros estejam fazendo com sucesso, porque isso mostra que é possível ser feito.

Na realidade, essa questão toda de reciclagem de lixo e coletivo, é uma questão cultural. É uma questão que demanda amadurecimento, demanda um nível de concentração bastante grande. A maior satisfação que nós temos tido hoje, é quando nós vamos nas escolas, e nessas escolas que a professora Eliane falou agora há pouco, e em outras, e a gente pergunta, ou se ouviram falar nisso? Todos ouviram.

Não há outra exceção para justificar a humanidade. Quer dizer, a rigor não há mais nada o que contar. É só dizer que o projeto passa a partir daquele momento, vai ser feito ali também.

Isso mostra que Rio Grande está sabendo. E fora as escolas, professor? Porque a gente sabe que a criança é um terreno bem fértil, a semente plantada ali, ela tende a vingar. Agora, fora das escolas, nos bairros em geral em que o projeto está implantado, vem crescendo o número de pessoas que fazem a separação do lixo? Olha, nós podemos dizer que às vezes o serviço falha, de coleta, e isso acarreta problemas.

Eu devo dizer que se não cresceu, pelo menos não diminuiu. Mas uma coisa que nos deixa bastante satisfeitos, é que de repente a gente recebeu telefonemas de lugares que não fazem parte do roteiro normal. Por exemplo, na Capitania dos Portos, um telefonado, eles querem participar, devem estar participando já.

Agora, com a aquisição por parte da Universidade de Mapicotadeira, nós passaremos a fazer serviço de coleta de papel sigiloso, recebemos telefonemas de uma das indústrias de Rio Grande, podemos participar do projeto? Com certeza podem. Dos bancos da nossa cidade também, pelo menos dois deles já mantivemos contato, isso vai acontecer. Então há um nível de consciência, e o pessoal pergunta de que forma nós podemos participar.

Isso é realmente o que nós gostaríamos de ver. Então as coisas estão acontecendo. Aliás, aproveitando a oportunidade, vamos conclamar as pessoas que trabalham com material sigiloso, papel que hoje muitos queimam, que para nós é um absurdo, que a partir de agora, contatando conosco, o serviço de picotamento pode ser feito no local, ou até no núcleo de reciclagem, e esse material pode ser reaproveitado.

Professor, quais são as coisas necessárias para que se produza um papel reciclado, por exemplo? Se nós quisermos fazer um caderno de papel reciclado, o que é necessário? Só boa vontade. Só? Só. Talvez o único equipamento mais sofisticado fosse um liquidificador.

Se for pequena quantidade, um liquidificador comum, ou se for quantidade maior, a gente pode fazer um liquidificador maior. Isso existe, inclusive. Para ter uma ideia, nós fizemos papel na sala de aula.

Dá para fazer na sala de aula. E acho que Rio Grande poderia ter hoje uma fábrica desse tipo. Há pouco tempo atrás, nós vimos uma reportagem sobre um trabalho feito por deficientes mentais de São Lourenço, onde a terapia ocupacional deles é exatamente a reciclagem de papel.

Eles fazem envelopes, fazem folhas, e podem ficar tão lisas como um papel ofício comum. É uma coisa fácil de fazer. Qualquer pessoa pode fazer.

Isso a nível artesanal. Mas pode também, se tiver equipamento maior, até a nível industrial. Eu

acho que justificaria entre nós, em Rio Grande, uma campanha integrada, prefeitura, empresários, e justificaria para Rio Grande uma indústria desse tipo.

Nós poderíamos aqui em Rio Grande, sem muito investimento, ter os nossos cadernos. Temos vários adequados cadernos. Eu citei justamente o caderno porque o material escolar hoje em dia está caríssimo.

E as famílias mais carentes têm dificuldade de adquirir. Rosane, como nós gostaríamos que, de repente, a Secretaria de Educação do município se integrasse nisso? Vamos ter que dizer, talvez tenha sido uma das grandes ausências que nós encontramos nesse projeto. Que eles oficiassem, dessem a oportunidade que realmente pode ser feita.

E acho que gostariam do trabalho que sairia dali. É mais uma das coisas que a gente pode encaminhar como proposta de uma instituição nova para a prefeitura que está chegando. Quem sabe, a curto prazo, não tenhamos isso.

É fácil fazer. Professora Eliane, a coleta seletiva está bem na cidade. E o Balneário Cassino? Já tem previsão de uma tentativa de fazer a coleta seletiva? Sim, o NEMA, que é um núcleo ambiental fundamentado no Cassino, tem interesse de que se implante a coleta seletiva lá.

Entrou em contato com a prefeitura. E a gente está pensando seriamente em início de janeiro já começar a coleta seletiva. Mas como está a mudança de governo, realmente a gente está esperando para ver como se consegue fazer isso no início de janeiro.

A gente fica assim que dizer que quer fazer a coleta seletiva é uma coisa. Mas uma série de medidas que têm que ser tomadas estruturais para se fazer efetivamente a coleta seletiva tem que ser tomadas com tempo. Nós estamos começando em dezembro e estamos aguardando que o NEMA entre em contato com a gente, que a prefeitura... É que está muito difícil de combinar qualquer coisa porque um prefeito está saindo e outro não chegou ainda.

A gente não sabe quem vai estar envolvido em todos os detalhes que a gente precisa para efetivar. Mas nós vamos lutar por isso. O que nós colocamos já foi a disposição do NEMA, que ele marque palestras nas escolas, porque a gente sempre começa pelas escolas, nas escolas do cassino, que a gente vai lá e dá palestra.

Agora se vamos conseguir efetivar operacionalmente a coisa vai depender da prefeitura. Acho que a partir daí já começa a ser uma exigência da população, como está acontecendo aqui na cidade, onde a população já exige. Exatamente.

Já pede, já exige o complemento, a ampliação do projeto. Em relação a isso aí, eu até pedi para ele comentar sobre o que aconteceu nas provas de IPB. Algo digno de filmar.

Quando nós fizemos, para nós fazermos uma palestra sobre coleta seletiva e IPB, e a questão que a gente coloca na prova é uma questão prática, levar uma sacola de lixo limpo, de lixo

reciclável. Então, no dia da prova, os alunos, são uns 400 alunos, a gente dá cada vez numa turma, mas no dia da prova junta todo mundo. E era um sábado à tarde, nos carreiros, eu estava indo para lá de carro e comecei a passar nas paradas de ônibus e só tinha gente com sacolinha na mão.

Dei carona lá para encher o carro. Quando nós chegamos lá, pareciam umas andorinhas, aqueles alunos alegres, satisfeitos, com a sacola de lixo limpo na mão. E, inclusive, muitos levando mais de uma, porque tinha que levar uma sacola.

Mas o pessoal começou a separar, aí se emociona, se empolga, olha, não vou colocar mais misturado. Então levaram mais de uma sacola. Deu uma quantidade enorme de lixo limpo e efetivamente, essas pessoas já ficaram conscientizadas.

Quer dizer, mesmo que não tenha coleta seletiva ainda na zona delas, quando chegar, e uma grande percentual de estudantes mora no cassino, então eles nessa época, inclusive, cobraram da gente. Por que isso não tem no cassino? Por que não tem no cassino? Quer dizer, existe essa... O lado bom da disciplina de EPB, então. É, eu acho que a gente conseguiu fazer de um limão uma limonada.

Não, porque, na verdade, virou festa a Bolsonaro, era uma coisa impressionante. Nos primeiros semestres que a gente aplicou isso aí, até convencer o pessoal. Hoje, não, com naturalidade, que já sabem, e festa.

Olha, nós trabalhamos umas duas horas, nós, eu, Eliane e mais três bolsistas, para poder... Anotar, né? Anotar, todo mundo tinha entregue. Foi uma coisa bonita. Digna de filmar, quer dizer.

Isso que foi pena. Praticamente a coleta de um dia nos bairros. Ok.

Muito obrigada, então, pelas participações. Professor Eliane alguma... Muito bem. Estaremos de volta, então, amanhã, com o programa Bom Dia, FURG.

Até lá.